

ACESSIBILIDADE, BEBÊS E PSICOMOTRICIDADE EM ESPAÇOS DE LAZER:
UMA REFLEXÃO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO DE BRINCAR DO SESC 14
BIS

Aneliza de Lima Torquato

Mayara Farias de Carvalho

São Paulo, agosto de 2025

1. Introdução

O presente trabalho se dedica a apresentar caminhos para a acessibilidade em espaços de Lazer e Cultura voltado para o desenvolvimento integral e psicomotricidade de bebês e crianças de 0 a 6 anos a partir da experiência do Programa permanente Espaço de Brincar do Sesc 14 Bis nas seguintes dimensões: acolhimento e trocas entre as famílias atendidas pelo programa, oferecimento de um espaço que favorece o desenvolvimento psicomotor e social das crianças e oferecimento de ações que promovem o contato com educadores diversos e a aproximação, conhecimento e experimentação com a Libras.

O Sesc SP (Serviço Social do Comércio) é uma instituição que promove bem-estar e qualidade de vida aos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e seus familiares por meio de ações nas áreas da educação, saúde, cultura e lazer. Além disso, oferece espaços culturais com ampla gama de serviços, como bibliotecas, teatros, áreas de lazer, esportes e educativos.

Dentre os programas oferecidos pelo Sesc SP, temos o Espaço de Brincar, que atende bebês e crianças de 0 a 6 anos e suas pessoas adultas de referência com o propósito de garantir o direito ao brincar, como manifestação cultural, individual e coletiva para a produção de repertório de vida e compreensão do mundo. A maior parte das unidades do Sesc em São Paulo têm espaços lúdicos e interativos, que contemplam a experiência da convivência, da diversidade e da subjetividade, com narrativas, estruturas e acervos brincantes que desafiam as habilidades e instigam a imaginação.

Os Espaços de Brincar têm por objetivo estimular o brincar autônomo e espontâneo, combater preconceitos e estereótipo, estimular o convívio com as diferenças, a sociabilidade intergeracional e valorizar o brincar da cultura popular.

Cada unidade do Sesc SP conta com equipes de educadores e propostas diversas para o programa, que para além desses espaços físicos, desenvolve propostas de atividades culturais e rodas de conversa com os adultos cuidadores desses bebês e

crianças para fortalecer e apoiar as trocas de saberes e as complexidades do cuidado durante essa fase da vida.

Nas próximas páginas, apresentaremos algumas das propostas do Sesc 14 Bis, elaboradas pela equipe infantojuvenil do núcleo socioeducativo, quais sejam: 1. Ações culturais acerca das culturas surdas e contato com a Libras (Língua brasileira de sinais) e os impactos dessas ações em nossos públicos frequentadores; 2. Espaço físico equipado com mobiliários e brinquedos pautados pelo desenvolvimento psicomotor estudado pela pediatra e educadora húngara Emmi Pikler e os impactos dessa fruição pelos públicos de crianças com deficiência; 3. Convívio entre bebês e crianças típicas e atípicas; e 4. Acolhimento e trocas dos adultos responsáveis com as educadoras do espaço e suas repercussões na percepção e cuidados com as crianças atípicas.

2. Objetivos

O texto visa refletir sobre a importância dos espaços de Cultura e Lazer na promoção de acessibilidade para bebês e crianças de 0 a 6 anos por meio da experiência do Sesc 14 Bis. Para orientar o trabalho, buscaremos responder às seguintes questões:

1. De que maneira a socialização de bebês e crianças de 0 a 6 anos com suas famílias em ambientes de cultura e lazer podem promover a acessibilidade, desenvolvimento e desconstrução de preconceitos e promoção de conhecimento das diversidades?
2. Como as experiências de brincar e de arte educação podem promover visibilidade e transformação para crianças com deficiência, seus adultos de referência e todas as pessoas à sua volta?
3. Por que o espaço físico se torna ferramenta de acessibilidade quando pensado cuidadosamente para promover o desenvolvimento psicomotor de bebês e crianças de 0 a 6 anos?

3. Relevância

A relevância do trabalho se justifica pela afirmação da importância de pensar a deficiência para além da clínica, considerando sua dimensão social, histórica, política e cultural. Além de divulgar a potência de práticas de promoção de acessibilidade que favorecem o desenvolvimento integral de bebês e crianças com deficiência.

4. Elaboração das experiências em quatro tempos

4.1. Convívio

O Espaço de Brincar iniciou suas atividades quando a unidade do Sesc 14 Bis foi inaugurada, no mês de outubro de 2023. Neste momento, começamos a receber o público da faixa etária de 0 a 6 anos e seus acompanhantes. Passado um tempo, uma cuidadora de um bebê de um ano e meio, que frequentava diariamente nosso espaço, compartilhou conosco que, quando começou a trazê-lo ao Espaço de Brincar do Sesc 14 Bis pôde observar melhor a ausência de interações dele com outras crianças e outros comportamentos, como ausência de contato visual e o interesse mais focado em brinquedos que fizessem sons e que ele pudesse girar (ele passava bastante tempo girando alguns objetos. Depois de elaborar melhor suas observações, a cuidadora pediu à família dele que o levasse para fazer uma avaliação profissional especializada.

Nosso Espaço foi o primeiro em que o bebê teve a experiência de contato e oportunidade de brincar com outras crianças, pois muitas das famílias que recebemos optam por não matricular os filhos em escola antes de determinada idade, por vezes um ano, por vezes dois ou três anos. Nesse sentido, o Programa Espaço de Brincar oportuniza o convívio entre bebês e crianças que não o têm na escola ainda.

Essa cuidadora comentou ainda que ela havia feito algumas observações no brincar do bebê em casa, mas que não chamavam muito a atenção, pois talvez ele não se interessasse apenas por adultos, que era o convívio que ele tinha até então.

O Programa Espaço de Brincar oferece a oportunidade de convívio entre bebês, crianças e seus adultos, mas principalmente, é um ambiente no qual as diversidades se encontram, pessoas com diferentes interesses, valores, etnias, gêneros.

4.2. Experimentações sensoriais e acolhimento

Duas mães de duas crianças neurodivergentes que frequentam o espaço de brincar desde o início, moradoras do entorno, ressaltaram o quanto o espaço de convivência e brincar foi importante para os filhos, observando sempre ganhos na interação com outras crianças, também com o repertório de brinquedos do espaço, principalmente aqueles que trabalham estímulos sensoriais, e com as educadoras e educadores quanto à aproximação e comunicação verbal e não-verbal (gestos, olhares apontar).

Um deles tem grande interesse por música, então nós, educadoras, conseguimos nos conectar com ele por meio de suas músicas preferidas. Já o outro, se sente grandemente atraído por uma frase que tem escrita no chão “A partir daqui, experimente caminhar descalço”. Ele caminha sobre essas palavras de um lado a outro, assim que chega, por muito tempo ele caminha de frente, de costas, com as mãos para cima, com as mãos no chão e pernas esticadas. Uma das educadoras sempre lia livros para ele e para outras crianças, até que um dia, pela primeira vez, ele olhou nos olhos e se atentou àquelas palavras que ela dizia, quis ouvi-la ao longo de várias páginas.

Além disso, uma das mães sempre sinaliza o quanto o acolhimento encontrado na equipe de educadores foi importante para a busca de ampliação na rede de cuidados profissionais para a sua criança. Para além da busca profissional de avaliação para o desenvolvimento do filho, a mãe não conta com uma rede de apoio nos cuidados, sendo mãe solo e, muito cuidadosa, não se sentia segura de deixá-lo com uma babá ou na escola, por exemplo. Sempre a apoiamos em suas angústias, mas trazendo também a importância sobre o autocuidado, os impactos da sobrecarga física e emocional sobre ela e o filho (SANTOS, 2018).

A outra mãe sempre compartilha conosco como têm sido a adaptação na escola, que a professora orientou a mãe a procurar um profissional da área da saúde para conversar sobre o desenvolvimento da fala. Ele está em avaliação com fonoaudiólogo e, quando conversamos, aproveitamos para compartilhar sobre experiências de crianças com autismo e o quanto é comum e possível de terem um bom desenvolvimento, a mãe se diz mais segura ao ouvir e diz que o fonoaudiólogo falou o mesmo.

Sempre que conversamos com as famílias sobre alguma criança que apresenta algum traço ou comportamento no Espaço de brincar que possa suscitar dúvida sobre alguma neurodivergência, tomamos o máximo de cuidado para não sermos invasivas, ou as fazerem sentirem-se questionadas ou pressionadas. Nosso papel diante das famílias é, em primeiro lugar, acolhê-las, e conversarmos e partilhamos sobre educação e caminhos para diferentes fases do desenvolvimento, quando somos solicitadas, mas nunca diagnosticar. Nesses casos, quando já temos proximidade o suficiente, trocamos, dentro do nosso diálogo, algumas observações sobre o comportamento do bebê ou da criança no Espaço de brincar, como “ele não está muito interessado em mim”, “ele gosta muito de brincar com esse brinquedo”, “ele tem muito interesse nos brinquedos que giram, né?”, etc. São observações que podem fazer com que a mãe, pai ou cuidadora, construam seu próprio pensamento sobre a necessidade ou não de busca de profissional, bem como fortaleça sua própria percepção.

4.3. Desenvolvimento motor e autonomia

Recebemos algumas crianças com deficiência física, alguns exemplos são uma criança com síndrome de down e desenvolvimento motor comprometido, uma com displasia da bacia e outra com displasia da bacia e questões motoras não especificadas.

O nosso espaço é equipado com móveis e mobiliários brincantes de madeira que visam o desenvolvimento psicomotor e autonomia do movimento de bebês, tendo como diretriz a pediatra e educadora húngara Emmi Pikler (Falk, 2011). Alguns exemplos

desses móveis são: túneis, cubos de madeira para entrar, empurrar, se apoiar na posição de pé, passar por cordas entrelaçadas, mini-escalada, mini-eskorregador, gangorra-ponte, triângulos-escada, mini-rampa, piso firme, etc.

As crianças se sentem convidadas a experimentar o espaço autonomamente e, com a possibilidade de fortalecerem musculatura, pesquisarem seus próprios movimentos e elaborarem diferentes maneiras de experimentar o ambiente enquanto brincam livremente.

Para todas as crianças, esse brincar livre é muito valioso, e no caso das crianças com questões motoras, como as acima descritas, possibilita o desenvolvimento continuado para além da fisioterapia, por exemplo, ao mesmo tempo que valoriza a convivência, autonomia e ludicidade, com materiais que, muitas vezes, as famílias não podem ter em casa, seja por viverem em espaços reduzidos, seja pelo fato desses móveis serem de alto custo.

Em todos os casos, recebemos retornos das famílias elogiando a construção do espaço e compartilhando conosco experiências positivas de convívio entre as crianças e aprendizado de novas habilidades motoras para as quais o nosso espaço contribui.

4.4 Brincadeiras com Libras

Projeto elaborado pela equipe do Programa Espaço de Brincar do Sesc 14 Bis, o Brincadeiras com Libras promove o brincar com ludicidade e ampliação de repertórios com a Libras (língua brasileira de sinais), por meio da contratação de arte educadores com corpos diversos, surdos, negros, LGBTQIAPN+, que despertaram o interesse e a aproximação do público frequentador com a língua utilizada pela Comunidade Surda e as culturas surdas, para além de desconstruir preconceitos acerca das pessoas surdas.

A educadora ou educador surdo, atuava no Espaço de brincar acompanhado de uma pessoa educadora intérprete e interagiu com as crianças e seus cuidadores no espaço, em alguns momentos utilizava-se de recursos lúdicos como brinquedos, cartões com imagens, jogos da memória, livros, bonecas, sempre com mediação em Libras ou bilíngue.

Desde o início, notamos que a aproximação das crianças foi tranquila e curiosa, com perguntas sinceras como “você não escuta nada?”, “como você faz isso?”, “você escreve?”, “gosta de música?”, “A Libras é um gesto?”, “Por que a Libras é uma língua?”, etc. Outras, muito desenvoltas e criativas, rapidamente aprendiam alguns sinais e já começavam a interagir com as outras pessoas, crianças e adultas, do espaço, fazendo perguntas ou convidando a brincar de comprar algo, por exemplo.

As adultas e adultos, por sua vez, às vezes mais retraídos, às vezes também curiosos, aproveitavam para fazer perguntas acerca das culturas Surdas e a Libras e, compartilhavam conosco ter sido sua primeira experiência de contato com pessoas surdas.

Esse projeto foi um grande oportunizador de desconstrução de preconceitos e aproximação das diversidades, protagonismo e valorização de profissionais surdos, bem como um convite à vinda de crianças surdas também. Recebemos poucas crianças surdas até o momento e, o Sesc têm feito movimentos no sentido de ampliar o conhecimento da Libras por seus funcionários, com o oferecimento de um curso básico de Libras em nosso site, bem como pelo oferecimento de bolsas de estudos também para os funcionários, mas sabemos que há um longo caminho pela frente.

Alice Itani (1998, p. 128) coloca os educadores em seu papel humano e que, portanto convive em sua vida diária com os preconceitos e distinções, sendo comum que tenham pensamentos preconceituosos, contudo, o mais importante a se levar em consideração é sua atitude diante de situações de preconceito ou violências.

Paulo Freire (2014), em seu livro “Pedagogia da Autonomia” nos traz à reflexão a prática pedagógica enquanto uma forma de intervenção no mundo, para ele, não basta que pensemos ou acreditemos ser, é preciso que por meio das nossas ações, sejamos! Essa postura é válida para todos os espaços de educação. No caso do Programa Espaço de Brincar do Sesc, o impacto da postura das educadoras ressoa não somente nos bebês e crianças, mas também em todos os adultos à nossa volta, uma vez que o espaço recebe a todos em um mesmo momento, ou seja, termos posturas anticapacitistas e antirracistas, por exemplo, transforma, em certa medida, a nossa realidade.

As pessoas que recebemos nos observam e, diante das ações e posturas que temos com o diverso, com bebês e crianças com deficiência, neurodiversas, etc., começam a naturalizar as diversidades, desconstruir barreiras e preconceitos acerca do outro e, passam a se encorajar a conviver com curiosidade e respeito.

Desse modo, são convidadas a partilharem uma visão que compreende a experiência humana como diversa em si, distanciam-se, assim, da “aceitação” advinda do termo “inclusão”, que traz para perto e “inclui” o que é diferente em um ambiente normativo (SKLIAR, 2003, P. 29).

5. Conclusão

Diante do exposto, buscamos elaborar algumas experiências de educação não formal e suas práticas educativas com vistas ao favorecimento da diversidade de corpos e modos de ser.

A porosidade da educação não formal (GARCIA, 2015, pg. 134) a coloca em diálogo com a educação formal que, embora distante de formalidade, oferece experiências de desenvolvimento integral e potencialidades educativas para além das salas de aula.

Os casos aqui citados, elucidaram a importância de haver um ambiente cuidadosamente pensado e estruturado para receber os bebês e crianças em sua diversidade, promovendo assim autonomia e desenvolvimento psicomotor de maneira lúdica. Trouxeram à luz também a importância do protagonismo de pessoas com deficiência e o oferecimento de ações de arte educação na construção de uma sociedade mais equânime, com o exemplo do *Brincadeiras com Libras*. Refletimos também acerca do papel da educadora enquanto agente de promoção da transformação e acolhimento dos responsáveis por bebês e crianças com e sem deficiência, fora das salas de aula.

A continuidade de formação e estudos das educadoras e educadores é essencial e o Sesc em São Paulo têm promovido cada vez mais ações nesse sentido, como cursos

oferecidos pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP, encontros formativos e caminhos programáticos para a acessibilidade pela Gerência de Educação para a Sustentabilidade e Cidadania do Sesc SP, bem como as formações continuadas promovidas pela Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc SP, responsável pelos programas infantojuvenis, dentre os quais, figura o programa Espaço de Brincar, como o *3º encontro sobre Neurodiversidades e Neurodivergência* que vem acontecendo no decorrer desse semestre para os educadores em atividades infantojuvenis do Sesc SP.

Referências

FALK, Judit. *Abordagem Pikler: educação infantil*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Phorte, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Valéria. Abordagens teórico-metodológicas nas pesquisas em Educação não formal. In: ABREU, Márcia Angela da S.; GOUVÊA, Gilda Cardoso (org.). *Educação não formal: tempos, espaços e práticas*. Campinas, SP: Papirus, 2015. p. 123–139.

ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998. p. 123–131.

SANTOS, Elisama. *Educação não violenta: construindo o respeito mútuo com empatia e compaixão*. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SKLIAR, Carlos. A inclusão que é excluída pela atenção à diferença. In: WERNECK, Cláudia (org.). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. Rio de Janeiro: WVA, 2003. p. 53–63.